

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Marlon Victor Lopes

**AS RELAÇÕES ENTRE A CULTURA DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO E O PROCESSO DE
ESCRITURA DA BÍBLIA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ludmilla Savry dos Santos Almeida

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MARLON VICTOR LOPES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201973109A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AS RELAÇÕES ENTRE A CULTURA DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO E O PROCESSO DE ESCRITURA DA BÍBLIA**, desenvolvido durante o período de setembro/2022 a janeiro/2023 sob a orientação de LUDMILLA SAVRY DOS SANTOS ALMEIDA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 17 de janeiro de 2023.

MARLON VICTOR LOPES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

AS RELAÇÕES ENTRE A CULTURA DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO E O PROCESSO DE ESCRITURA DA BÍBLIA

Marlon Victor Lopes¹

RESUMO

A Bíblia é uma fonte importante para se conhecer a região da Mesopotâmia, mas foi com as escavações da região que se descobriu que havia muito mais informações sobre essa sociedade do que o que estava escrito nas Escrituras Sagradas. Os tabletas encontrados continham os registros escritos em cuneiforme pelos sumérios, que criaram a primeira forma de escrita conhecida. A epopeia de Gilgamesh, um dos poemas mais famosos do mundo, narra a história de um dilúvio similar ao bíblico e há também muitos mitos mesopotâmicos que têm semelhanças com narrativas da Bíblia, como o mito da criação do universo e do homem. A troca cultural entre as sociedades antigas, incluindo os hebreus, é evidente e o objetivo deste artigo é analisar como os elementos culturais da Mesopotâmia e dos hititas influenciaram na escrita da Bíblia. Primeiro, faremos um breve contexto histórico e religioso da Mesopotâmia e destacaremos alguns elementos da sua cultura que são semelhantes à cultura hebraica. Em seguida, compararemos a estrutura dos tratados hititas com as alianças estabelecidas entre Deus (Iahweh) e o povo hebreu. Concluiremos com uma discussão sobre como essas influências culturais podem ter afetado a escrita da Bíblia.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia. Hebreus. Mesopotâmia. Hititas. Religião.

1 INTRODUÇÃO

Até cerca de 1850, a Bíblia era uma das principais fontes para se conhecer a região que um dia foi chamada de Mesopotâmia, graças às Escrituras Sagradas nomes de reis e cidades daquele período foram preservados na história. O que não se sabia é que tinha muito mais e que os reis mencionados na Bíblia eram só os últimos de uma história mais antiga do que as próprias Escrituras (MELLA, 2001).

Até então, a Bíblia era considerada um dos livros mais antigos do mundo, com as escavações da região onde se situavam as sociedades mesopotâmicas começaram a ser encontrados tabletas com a história daquelas sociedades que se descobriu serem os primeiros a formarem cidades-estados e a desenvolverem a escrita. Os tabletas encontrados continham os registros escritos em cuneiforme, escrita criada pelos sumérios, uns dos primeiros habitantes da região e criadores de primeira forma de escrita que se tem registro (MARQUES, 2015; REINKE, 2019).

Dentre os escritos encontrados estava o que viria a se tornar um dos poemas mais famosos do mundo, a epopeia de Gilgamesh, um aspecto importante e interessante dessa epopeia é que ela narra a história de um dilúvio com detalhes semelhantes ao do dilúvio bíblico, vale lembrar que a história do lendário herói Gilgamesh foi escrita muito antes do que o livro de Gênesis. Além da história do dilúvio, também foram encontrados diversos mitos mesopotâmicos que têm similaridades com narrativas registradas na Bíblia, como o mito da criação do universo e do homem.

Ao redescobrir essas sociedades antigas, assim como o Egito Antigo e demais sociedades contemporâneas daquele período, é impossível não notar como elementos culturais de cada sociedade influenciavam na cultura da outra, logicamente os hebreus não ficariam de fora desse intercâmbio cultural, visto que seu primeiro patriarca era mesopotâmico, Abraão era da cidade de Ur ou Ur dos caldeus (Gênesis 11, 31), como registrado na Bíblia.

Com base nessa notável troca multicultural, o presente artigo visa analisar como os elementos culturais das sociedades do Antigo Oriente Próximo influenciaram no processo de escritura da Bíblia. Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico destacando a relação do povo hebreu com duas sociedades: a Mesopotâmia, que foi escolhida por ser considerada o “berço da civilização” e por sua íntima ligação com a história dos hebreus e os hititas, pela interessante semelhança entre a estrutura dos seus tratados e a estrutura das alianças divinas.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: marlon.lopes@ich.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Ludmilla Savry dos Santos Almeida.

Iniciaremos com um breve contexto histórico e religioso da Mesopotâmia e depois destacaremos alguns elementos da sua cultura que possuem semelhança com a cultura hebraica. Por último analisaremos a estrutura dos tratados hititas em comparação com as alianças estabelecidas entre Deus (*Iahweh*) e seu povo.

2 MESOPOTÂMIA: “BERÇO DA CIVILIZAÇÃO” E TERRA DE ABRAÃO

Para conhecermos melhor os hebreus precisamos entender a sua origem, para só então poder relacionar a influência das sociedades vizinhas na construção da sua cultura e do seu texto sagrado. Embora a Bíblia comece com a história da criação no capítulo 1 do livro de Gênesis, a história dos hebreus só começa no capítulo 12 do mesmo livro, quando Deus ordena a Abrão que saia de sua terra e lhe faz uma promessa “de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção!” (BÍBLIA, Gênesis, 12, 2).

Segundo tal relato, Abrão que posteriormente será conhecido como Abraão, era filho de Tera, descendente de Sem, o filho mais velho de Noé, de acordo com a genealogia apresentada no capítulo 11 do livro de Gênesis. A família de Abrão era da cidade de Ur, portanto mesopotâmicos, essa informação é extremamente importante para compreendermos a relação entre a cultura mesopotâmica e a hebraica. É necessário ressaltar que o que estamos chamando de cultura mesopotâmica aqui é um conglomerado de culturas que compartilham algumas características, visto que a Mesopotâmia não é uma sociedade única, mas sim um conjunto de sociedades que se estabeleceram na região geográfica entre os rios Tigre e Eufrates. Precisamos conhecer um pouco sobre a história da Mesopotâmia para entendermos melhor a formação de seu território e cultura.

2.1 UMA TERRA ENTRE RIOS

Sendo a água necessária para a manutenção da vida humana, os rios Tigre e Eufrates contribuíram para o povoamento da região que fica entre eles. Ao longo da margem dos dois rios surgiram as primeiras cidades da Mesopotâmia, construídas separadas umas das outras ao longo das margens dos dois rios, as cidades se tornaram independentes fazendo que a Mesopotâmia fosse dividida em várias sociedades com o poder descentralizado na maior parte do tempo de sua história.

Os sumérios estão entre os primeiros a ocupar de forma mais organizada a região, segundo Kramer (1969, p. 11) “foi a Mesopotâmia que viu erguerem-se os primeiros centros urbanos da humanidade, com a sua vida opulenta, complexa e variada, em que a lealdade política não era mais em relação à tribo ou clã, mas em relação à comunidade como um todo [...]”. Foi também nas primeiras cidades mesopotâmicas que surgiu a escrita, revolucionando o modo de comunicação entre os humanos e não foi só a escrita que se destacou, “ideias, técnicas e invenções criadas pelos sumérios e cultivadas pelos povos posteriores da Mesopotâmia – os babilônios, assírios e outros – foram difundidas de leste a oeste, a ponto de imprimir a sua marca em praticamente todas as culturas da antiguidade e mesmo nas dos nossos dias.” (KRAMER, 1969, p. 11).

Dentre as cidades mesopotâmicas mais famosas conhecidas até hoje podemos citar: Eridu, considerada a primeira cidade da Mesopotâmia, onde se localizava o templo E-apsu, dedicado ao deus Enqui, responsável por guiar os sumérios até lá. “A cidade de Eridu não terá jamais importância política, mas permanecerá sempre um grande centro religioso, a Cidade Santa dos sumérios.” (MELLA, 2001, p. 39). Uruk era a cidade mais poderosa dos sumérios, também conhecida como Erech na Bíblia, é de lá que surge a famosa epopeia de Gilgamesh, da qual falaremos mais à frente. Ur era um importante centro comercial e religioso, é a terra de Abrão e sua família. Nippur era conhecida como um centro educacional, “as escolas de escrita floresciam em Nippur e em outras localidades. E nestas escolas trabalhava-se intensamente na cópia de textos antigos sumerianos, para legá-los à posteridade.” (BRIGHT, 2003, p. 74). Nínive foi capital da Assíria durante o reinado de Senaqueribe, também era um importante centro religioso dedicado à deusa Ishtar e famosa na narrativa bíblica na história do profeta Jonas. Babilônia talvez seja a cidade mais famosa conhecida até hoje, sobretudo pela história do profeta Daniel durante o exílio dos hebreus iniciado no reinado de Nabucodonosor II, seu rei mais famoso e responsável pela construção de grandes monumentos na cidade.

Podemos resumir a Mesopotâmia como um território composto na maior parte do tempo por diversas cidades independentes, que muitas vezes entravam em conflito entre si. Possuíam língua própria, mas utilizavam a escrita cuneiforme, criada pelos sumérios, para registrar suas leis, contratos e história. Os reinos podiam se

tornar mais amplos a partir das conquistas de uma cidade sobre as outras, alguns dos reinos mais proeminentes da Mesopotâmia incluem a Acádia, Mitani, Ur e outros. No entanto, os assírios e os babilônios foram os dois impérios que realmente se destacaram pela sua extensão territorial e pela sua influência sobre outros povos.

2.2 RELIGIÃO NA MESOPOTÂMIA

Como já vimos a Mesopotâmia era formada por sociedades diferentes e independentes, o seu sistema religioso não seria diferente. No politeísmo mesopotâmico, cada cidade tinha o seu próprio panteão de deuses, mas os deuses não eram exclusivos e eram adorados em outras cidades também. Quando uma cidade-estado ou um reino conseguia alcançar o domínio imperial, podia anexar os deuses dos povos subjugados e incluí-los em seu próprio panteão como divindades subalternas. Isso levou ao sincretismo entre as divindades mesopotâmicas, com deuses de diferentes culturas sendo incorporados em panteões diferentes.

Os panteões politeístas podem ser bastante dinâmicos e as posições das divindades podem variar de acordo com a preferência local e as mudanças políticas e culturais. Na Mesopotâmia, quando os assírios se tornaram dominantes, o deus *Assur* foi elevado ao topo do panteão e tornou-se o principal deus da região. Já quando a Babilônia ascendeu ao poder, o deus *Marduk* foi elevado ao topo do panteão e tornou-se o principal herói dos mitos cosmogônicos da região (GARELLI; NIKIPROWETZKY, 1982; REINKE, 2019). É importante lembrar, no entanto, que a religião na Mesopotâmia era bastante diversa e que havia muitas outras divindades além de Assur e Marduk que eram adoradas por diferentes povos e em diferentes contextos.

Segundo Garelli e Nikiprowetzky (1982, p. 144) “grande parte das divindades assiro-babilônicas eram de origem suméria, como a tríade cósmica, composta por *Anu*, deus-céu, *Enlil*, deus-atmosfera, e *Enki-Ea*, deus das águas doces, sobre as quais fluava o mundo”. Além da tríade cósmica havia também a tríade astral composta por *Shamash*, o Sol, *Nanna* ou Sin, a Lua e *Ishtar*, a mais famosa, era o planeta Vênus, deusa do sexo e do amor, ligada à prostituição e fertilidade. Outros deuses que se destacam são: Marduk, considerado o deus supremo da cidade de Babilônia, era o deus da sabedoria, da agricultura e dos encantamentos, também considerado o criador da humanidade. Assur era considerado a divindade suprema dos assírios, conhecido como um deus conquistador e guerreiro. Nergal era o deus do mundo inferior e governava os mortos com mansidão e justiça ao lado de sua esposa Ereshkigal. Ninurta era o deus da guerra.

Os deuses possuíam características humanas como cabeça e membros, possuíam roupas, se alimentavam e dormiam, moravam no céu e na terra, tinham uma personalidade ao contrário dos demônios que em sua maioria nem mesmo nome tinham. “Os deuses, entretanto, distinguiam-se dos homens por diversas qualidades essenciais e, antes de mais nada, por sua própria “divindade”” (GARELLI; NIKIPROWETZKY, 1982, p.145).

Cada deus tinha seu santuário principal localizado em uma das cidades, sendo ali a sua morada onde recebiam alimentos, roupas e outras oferendas. O povo comum não tinha acesso aos aposentos da divindade no templo e só viam a estátua do deus nas festas quando estas saíam em procissão. Não existe uma separação entre mundo humano, natural e divino, os deuses criaram o homem e o universo com tudo que nele há e continuam a conduzir sua criação. Os homens foram criados para servir aos deuses, inclusive o rei que possuía vínculos estreitos com o divino (CARDOSO, 1990).

2.3 MITOS MESOPOTÂMICOS

O termo "mito" é usado de maneira diferente em contextos acadêmicos e em contextos populares. Em contextos acadêmicos, o termo "mito" pode ser usado para se referir a narrativas tradicionais que explicam os aspectos fundamentais da cultura de um povo, incluindo crenças, práticas, valores e origens. Essas narrativas podem incluir elementos sobrenaturais, como deuses e heróis. Muitas vezes, os mitos são usados para transmitir ensinamentos morais ou para explicar eventos naturais e sociais de maneira simbólica. Em contextos populares, o termo "mito" pode ser usado de maneira mais ampla para se referir a qualquer história ou crença que seja considerada falsa ou irrelevante.

Um babilônio considerava os mitos importantes porque ofereciam explicações de como o mundo funcionava. Entretanto, ainda mais importante, os mitos transmitiam uma identidade cuja origem estava no que poderíamos chamar de realidade profunda. Os moradores da Mesopotâmia não consideravam que seus mitos fossem fantasiosos ou fictícios, embora não considerassem um mito a mesma coisa que uma crônica da corte. (WALTON, 2021, p. 79)

A Mesopotâmia é conhecida por ter muitos mitos, sendo que muitos desses mitos possuem correspondências com narrativas bíblicas, especialmente no Gênesis. Veremos a seguir dois desses mitos:

2.3.1 O mito da criação do universo

Havia várias narrativas míticas sobre a criação entre os mesopotâmicos, alguns desses mitos explicam o universo como resultado do casamento entre o céu e a terra, com o céu fertilizando a terra e gerando a vida, enquanto outros afirmam que a vida surgiu da inundação de águas de rios e canais, criando os seres humanos a partir de argila. Esses textos contam o mito de várias maneiras, como narrativas, descrições que surgem em debates entre sábios ou no contexto de encantamentos medicinais. Neste último caso, a criação do mundo é invocada magicamente com o objetivo de curar as pessoas e restabelecer a ordem cósmica. Na visão desses mitos, a doença e a dor são vistas como elementos do caos e, ao invocar a criação do mundo de maneira mágica, os encantamentos medicinais visam expulsar esses elementos e restaurar a saúde e o equilíbrio (REINKE, 2019).

Entre as diversas narrativas sobre a criação do mundo, vamos destacar duas: a sumeriana e a babilônica, ambas possuem forte relação entre si e entre a narrativa apresentada em Gênesis 1. Kramer (1969, p. 116-117) relata que:

Segundo a lenda sumeriana, o universo emergiu do mar primevo e foi dividido em céu e terra por Enlil, deus do ar e das tempestades. Aqui, o potente Enlil é visto separando os céus, o domínio do seu pai An, da terra, reino da sua mãe, a deusa Ki, que se ergue para ele. Os sumerianos supunham que um grande teto abobadado (embaixo) continha o céu, as estrelas, a Lua e o Sol, que de cima iluminava as cidades; acreditavam também que embaixo da terra se agitava em torvelinho o lúgubre submundo, a morada amedrontadora dos demônios e os reinos dos mortos. Os Anunnaki, os filhos divinos de An, o deus-céu, estavam famintos e sem roupas, e, diz o mito, “não conheciam o alimento do pão nem o uso do vestuário, comiam plantas com suas bocas como carneiros, bebiam água no poço”. Para servi-los, Enlil e a deusa-água Enki [...] criaram bois, carneiros, plantas, a canga e o arado. Mas os Anunnaki não tinham as habilitações devidas para o uso dessas dádivas; a fim de que tomasse o carneiro e cultivasse os campos para esses deuses é que foi feito de barro e recebeu o sopro divino o homem [...].

A versão da cosmogonia suméria serviu de base em alguns elementos para a criação da cosmogonia babilônica, a famosa epopeia *Enuma-Elish* (que significa “quando lá no alto” ou “quando lá em cima”) gravada em tabletes de argila datadas do século XII a.C. Ela descreve o tempo antes da existência dos deuses, quando *Apsu* e *Tiamat* (as águas primordiais) eram uma massa de caos. Deles nasceram deuses casais, que geraram Anu, pai de Ea. Apsu planejou destruir os deuses por causa da forma desordenada como eles agiam, mas Ea o matou enquanto ele dormia e gerou Marduk em seguida. Tiamat também decidiu destruir os deuses e enviou Kingu e sua legião de monstros para lutar contra eles. Ânshar convidou os outros deuses para liderar a resistência, mas todos recusaram até que Marduk aceitou o desafio. Ele venceu a batalha e matou Tiamat, dividindo seu corpo em dois, durante a narrativa é descrita uma série de obras criativas, como a construção do céu com uma das metades do corpo de Tiamat, o estabelecimento de limites para as águas terrestres, a designação da lua para regular os tempos junto com o sol e as estrelas, a criação de cereais e plantas. Marduk se tornou o líder dos deuses e ordenou a Ea que criasse a humanidade a partir do sangue de Kingu. A criação dos seres humanos foi para que eles pudessem assumir o fardo do trabalho em vez dos deuses, permitindo que estes descansassem finalmente (MARQUES, 2015; REINKE, 2019).

Esta visão do destino do homem no mundo é bastante diferente de assunções gloriosas sobre os deuses, que são vistos como seres sobrenaturais dotados de poder e sabedoria e capazes de governar o mundo. Sobre isso, Kramer (1969, p. 110) afirma: “o homem, estavam eles certos, fora feito de argila, ou, como alguns disseram, de argila e do sangue de uma divindade trucidada, e fora criado para um só propósito: servir aos deuses, fornecendo-lhes alimento e abrigo, a fim de que eles escapassem aos labores da vida cotidiana”.

2.3.2 A epopeia de Gilgamesh e o dilúvio

A epopeia de Gilgamesh é um poema épico babilônico que conta a história do rei Gilgamesh, um herói lendário da cidade de Uruk. Foi escrita originalmente em acadiano e gravada em tabletes de argila, é considerada a mais antiga narrativa mítica de heróis da literatura mundial. A epopeia de Gilgamesh é uma das mais importantes obras literárias da Mesopotâmia e aborda temas como a amizade, a sabedoria, a mortalidade e a busca pela imortalidade.

A epopeia narra a busca de Gilgamesh pela imortalidade após perder o amigo Enkidu, o herói vai atrás de Utnapichtim, o único humano que desfrutava da vida eterna a fim de saber como também conquistar a imortalidade. Ao encontrar Utnapichtim, Gilgamesh lhe implora para que conte como conseguiu obter a vida eterna, a partir de então conhecemos uma das mais famosas versões sobre o dilúvio na Tábua XI da epopeia:

“Quero desvelar-te, ó Guilgamech, uma história oculta, um segredo dos deuses. Churruapak é uma cidade antiquíssima, e por longo tempo os deuses lhe foram benignos, mas depois decidiram fazer descer sobre a terra um dilúvio. No conselho dos deuses estava também presente Ea (Enqui), o deus do abismo, e ele confiou à minha casa, feita de canas, esta sentença dos deuses.” E narrou como Enqui o exortara a abandonar seus bens, salvar a vida e construir uma embarcação capaz de carregar a semente da vida de cada espécie. “Construa rápido o barco e leve-o no mar de águas doces, carregando-o com o que for necessário.” Preparei então madeira e piche, desenhei o plano do barco e nele desenhei vários sinais. Todo meu povo contribuiu na construção.” Quando a nave ficou pronta, “carreguei nela tudo o que possuía: prata, ouro e sementes de vida de toda espécie; fiz entrar toda minha família; carreguei as bestas grandes e pequenas; ordenei, por fim, que tomassem lugar os artesãos versados nas diversas artes”. “Os espíritos das trevas verteram depois sobre a terra uma chuva torrencial; eu fiquei observando a tempestade, assustadora de se ver. Quando despontou a aurora, ergueram-se nuvens negras como corvos; os espíritos do mal estavam endiabrados, e toda luz se transformou nas trevas mais densas; soprava impetuoso vento do meridiano, as águas revoltas alcançaram os montes, desabando sobre os homens. O irmão não reconhecia mais o irmão; até mesmo os deuses tiveram medo do furacão e correram a refugiar-se sobre a Montanha Celeste de Anu, encolhendo-se como cães assustados. Ichtar, presa de agonia, gritava: ‘O belo país se transformou em lama pelo meu mau conselho; como pude sugerir tamanha maldade? Como pude pensar em exterminar a minha gente? Eis que agora a correnteza abate os homens como no furor da batalha (...)’.” “Todos os homens tornaram-se lama, a terra estava uniforme e deserta. Abri a janela do barco e a luz atingiu meu rosto; prosternei-me, depois sentei-me e chorei com lágrimas copiosas; observei aquele grande deserto de água, exclamei que todos os homens estavam mortos. Depois de doze horas duplas vi despontar no horizonte uma ilha: a minha nau estava sobre o monte Nissir. Ela ficou encalhada sobre o monte Nissir durante seis dias; no sétimo, tomei uma pomba e deixei-a partir, mas retornou, não encontrando nenhum lugar onde pousar. Tomei um corvo e o deixei partir; voou para longe, pois que as águas estavam baixando, comeu, esgaravato a terra e não retornou. Então deixei que todos os animais saíssem e sacrifiquei um cordeiro; espargi alguns grãos sacrificiais sobre o topo do monte e queimei alguns ramos de cedro e mirto. Os deuses aspiraram o fumo que enchia de prazer as suas narinas e reuniram-se em torno do sacrifício como moscas.” Os deuses reprovaram a Bel por ter suscitado toda aquela devastação: se queria punir os homens por alguma ofensa, podia soltar sobre a terra alguns leões ferozes, ou monstros, ou provocar uma carestia, mas não destruir toda a humanidade. Bel, porém, de modo algum se arrependeu, mas ficou agastado ao ver aquela embarcação: “Quem é esse mortal que conseguiu escapar ao seu destino? Ninguém deve sobreviver ao

meu juízo”. Mas Enqui vai sobre a nave e diz a Utnapichtim as seguintes palavras: “Até agora, Utnapichtim, eras um homem mortal; deste momento em diante, tu e tua mulher sereis semelhantes a nós e habitarei longe, perto do mar onde desembocam os rios” (MELLA, 2001, p. 63-64).

Mesmo após a longa história Gilgamesh não consegue o que quer, com pena a mulher de Utnapichtim o informa sobre uma planta milagrosa que poderia conceder juventude e vida eterna caso fosse encontrada, Gilgamesh mergulha até o fundo do mar em busca da planta, a encontra e decide levá-la para Uruk a fim de compartilhá-la com os outros heróis, porém no caminho encontra um lago onde decide se refrescar, em um momento de distração do herói, uma serpente é atraída pelo aroma da planta e a devora. A epopeia termina contando que Gilgamesh se deita para dormir e morre em seu palácio.

2.4 OS MESOPOTÂMICOS E OS HEBREUS

O povo hebreu não surgiu de forma isolada e sua cultura não foi determinada por Deus, foi através de contato com outras culturas e em contextos históricos e geográficos específicos que se formou a cultura hebraica. Como já vimos, Abraão o patriarca dos hebreus era mesopotâmico, a família de seu neto Jacó estabelece maior ligação com os egípcios através de seu descendente José que se tornou governador do Egito. Com a derrubada da monarquia de Israel pelo rei da Babilônia, os hebreus voltaram a ter contato próximo com os povos da Mesopotâmia, sendo possível perceber influências da cultura mesopotâmica em diversos aspectos da Bíblia, incluindo alguns pontos em que há concordância e outros em que há divergência.

O impacto da Mesopotâmia sobre os hebreus foi tanto direto como indireto. Se, como pensam alguns estudiosos, a narrativa bíblica contém um pouco de verdade, e se o patriarca hebreu vivia em Ur no tempo de Hamurabi, nesse caso ele e sua família podem ter assimilado a cultura sumeriana muito antes de judeus se constituírem numa nação. Parece claro que os ancestrais dos hebreus viveram na Mesopotâmia desde tempos bem recuados (KRAMER, 1969, p. 11).

Após Abraão, há vários exemplos de convergência entre os povos bíblicos e mesopotâmicos em questões técnicas. A divisão do calendário, por exemplo, seguia o padrão mesopotâmico baseado no ciclo lunar e era usado tanto pelos cananeus quanto pelos hebreus. A monarquia israelita também possuía semelhanças com a mesopotâmica, como o templo de Jerusalém sendo um santuário construído pelo Estado e o sacerdócio sendo patrocinado pelo rei. No entanto, a relação entre sacerdócio e monarquia em Israel era diferente, pois o rei não era sacerdote e havia separação entre as funções sacerdotais e monárquicas. Além disso, há semelhanças entre os códigos legais mesopotâmicos, como o de Hamurabi, e a Torá, mas também há diferenças importantes, como a legislação hebraica sobre escravidão e roubo sendo mais humanitária.

As hierofanias são manifestações da divindade em lugares sagrados, que podem ser montanhas, templos ou outros locais. Na religião hebraica, as hierofanias ocorreram em diversos momentos da história do povo, especialmente no Sinai, a montanha sagrada onde Moisés recebeu sua vocação e onde o pacto foi estabelecido com o povo. Sião também era considerada uma montanha sagrada, onde o templo de Jerusalém foi construído e onde ocorriam manifestações divinas. A construção de zigurates na Mesopotâmia reflete a mesma ideia de lugar sagrado, isto é, a epifania que se dá no topo de uma montanha, onde a divindade desce para se encontrar com o adorador (REINKE, 2019).

No que se referia a cultos e sacrifícios, havia aspectos semelhantes e divergentes entre os mesopotâmicos e os hebreus. Os tipos de sacrifícios eram semelhantes e funcionavam com o mesmo princípio, porém a diferença estava nos detalhes. Um ponto de divergência era a prática da adivinhação e consulta aos mortos, proibida entre os hebreus (Levítico 19, 31), apesar de ocorrer em algumas ocasiões ao longo da história de Israel.

Na cosmogonia, os hebreus e os mesopotâmicos explicam a criação do mundo e a origem dos seres humanos de maneira semelhante. Em ambas as culturas, há uma criação a partir do caos e do vazio, e os deuses são os responsáveis por essa criação.

Pode ver-se que existe sempre a ideia de um caos inicial, incluindo monstros marinhos tanto em Gênesis (1,21) como nos textos paralelos, e que a criação se realiza por separação e ordenação desse caos. Não faz sentido perguntar quem criou esses elementos caóticos primordiais, não constituindo isso um problema para os diferentes autores. O que lhes importa realçar é que o ato criador, ao separar os diferentes elementos dando-lhes uma ordem e forma consistentes e capazes de receber a vida, representa um ato só possível a um deus poderoso que conclui uma vitória contra o caos anterior (MARQUES, 2015, p. 24-25).

Outra semelhança é a criação através do poder da palavra, “a criação não fora difícil nem laboriosa, pois as divindades, uma vez decidido por elas o que deviam fazer, tiveram apenas de enunciar o seu plano de ação e logo a coisa estava feita” (KRAMER, 1969, p. 106). A crença de que a palavra de Deus ou dos deuses possui o poder de criar tudo do nada tornou-se uma verdade universal compartilhada por todo o Oriente Próximo, se transformando em um artigo de fé. Podemos encontrar outra semelhança na criação do homem, dessa vez Deus e os deuses não criam enquanto falam, colocam a mão no barro e moldam o homem à sua imagem e semelhança (Gênesis 1, 27) no caso do Deus dos hebreus e para o trabalho no caso dos deuses mesopotâmicos.

Também há uma semelhança nas histórias do dilúvio, em que um ser divino envia uma grande inundação para destruir a humanidade corrupta, mas escolhe um indivíduo justo para sobreviver e repovoar a terra. A narrativa encontrada na epopeia de Gilgamesh e no livro de Gênesis sobre o dilúvio possui uma grande afinidade entre si, assim como na epopeia já apresentada anteriormente, a Bíblia relata a escolha da divindade por um homem justo e íntegro (Gênesis 6, 9) que é ordenado a construir um grande barco e colocar um casal de todas as espécies de animais (Gênesis 6, 14-21), entre outras semelhanças estão o encalhamento do barco sobre uma montanha (Gênesis 8, 4) e Noé assim como Utnapichtim solta um corvo e uma pomba (Gênesis 8, 7-9). O ponto de divergência é que Noé não alcançou a imortalidade, falecendo aos 950 anos (Gênesis 9, 29).

Além disso, os hinos de lamentação, que expressam dor e tristeza por algum acontecimento, também são encontrados tanto na literatura mesopotâmica quanto na bíblica que tem um livro dedicado às Lamentações do profeta Jeremias: “Como o Senhor cobriu de nuvens, na sua ira, a filha de Sião! Precipitou do céu à terra a glória de Israel e não se lembrou do estrado de seus pés, no dia da sua ira” (Jeremias 2,1), neste versículo o profeta lamenta a destruição de Jerusalém e o cativo babilônico. Muitos dos salmos que compõem o Livro dos Salmos lembram os hinos de culto da Mesopotâmia, o Livro dos Provérbios e o Cântico dos Cânticos também possuem características da literatura sumeriana.

Kramer (1969, p. 169) faz uma comparação sobre a relação entre os dois povos e as suas divindades:

O vínculo de amor entre Deus e o homem, embora não de todo alheio ao pensamento religioso da Mesopotâmia, decerto é nele de significação muito menor do que no judaísmo e no cristianismo. Todavia, os primitivos mesopotâmios cultivaram o conceito de um deus pessoal e familiar que teve o seu eco na Bíblia com o “deus de Abraão, Isaac e Jacó” – e entre essa divindade protetora e o seu devoto adorador há uma relação íntima, de ternura e confiança, em alguns aspectos, comparável, com a que existiu entre Jeová e os patriarcas.

A principal diferença entre as religiões mesopotâmicas e a religião dos hebreus é a sua relação íntima com o seu Deus que de acordo com a Bíblia, andou lado a lado com seu povo no caminho rumo a Canaã, no deserto rumo à Terra Prometida, nas batalhas com Davi e até mesmo no cativo da Babilônia com Daniel. Enquanto os deuses sumérios eram inacessíveis e alheios aos pobres mortais e seus problemas (KRAMER, 1969).

3 O DEUS DAS ALIANÇAS: OS TRATADOS HITITAS E A ALIANÇA MOSAICA

Muitas pessoas não estão familiarizadas com o conceito de aliança, pacto ou contrato, porém esses acordos foram fundamentais para a vida em sociedade nas antigas culturas do Oriente Próximo. Durante o século 18 a.C., essas alianças internacionais incluíam rituais religiosos, como o sacrifício de animais para estabelecer esses acordos. A expressão hebraica utilizada para firmar esses pactos é *karat berit*, que significa cortar uma aliança (LARONDELLE, 2016).

Diante do contexto histórico precisamos destacar uma sociedade em especial: os hititas, um povo da Anatólia (atual Turquia), também usavam esse tipo de aliança para selar acordos políticos e militares. É possível observar algumas semelhanças entre os antigos tratados de soberania hititas e a relação de Aliança entre Deus e Israel na Bíblia. Os tratados hititas eram acordos políticos e militares entre um senhor hitita e seus vassalos, que incluíam termos de lealdade e obediência mútua, bem como responsabilidades e direitos específicos de cada parte. Esses tratados eram vistos como sendo sagrados e invioláveis, e violar os termos de um tratado era considerado uma grave ofensa. A aliança entre Deus e Israel descrita na Bíblia também inclui termos de lealdade e obediência, bem como responsabilidades e direitos específicos para cada parte. Além disso, a aliança é descrita como sendo sagrada e inviolável, e violar os termos da aliança é considerado uma grave ofensa. Portanto, é possível observar algumas semelhanças entre os antigos tratados hititas e a aliança entre Deus e Israel na Bíblia.

A aliança entre Abraão e Deus, mencionada no Antigo Testamento, também segue o padrão dessas alianças antigas, com o ritual do corte de animais sacrificiais para selar o pacto (Gênesis 15). No entanto, a aliança de Abraão difere das alianças político-militares dos hititas e outros povos da época, pois é uma aliança exclusivamente religiosa e espiritual.

George E. Mendenhall em sua obra *Law and Covenant in Israel and the Ancient Near East* (Lei e Aliança em Israel e no Antigo Oriente Próximo) menciona seis elementos característicos da estrutura das alianças encontrados em textos hititas sobre tratados: 1) O Preâmbulo identifica o autor da aliança, dando seus títulos e atributos; 2) O “prólogo histórico” descreve as ações benevolentes anteriores que o rei hitita já havia executado em benefício do vassalo. Essa característica importante salienta os favores recebidos como as razões pelas quais o vassalo é obrigado a demonstrar gratidão perpétua para com o rei supremo; 3) As “estipulações” do pacto, ou aliança, descrevem em detalhes as obrigações impostas e aceitas pelo vassalo; exigia-se do vassalo que comparecesse perante o rei hitita uma vez por ano; 4) Provisão para depósito no templo do estado do vassalo e leitura pública periódica do documento; 5) A lista de deuses como testemunhas e executores da aliança; 6) As fórmulas ritualísticas de maldições e bênçãos que refletiam quais seriam as reações dos deuses envolvidos (MENDENHALL, 1955, P. 32-34, apud LARONDELLE, 2016, p. 2).

Para efeito de comparação, vamos utilizar a repetição dos dez mandamentos (Aliança Mosaica) que se encontra no Livro de Deuteronômio (5-6):

Quadro 1 – Comparação entre a estrutura do tratado hitita e a Aliança Mosaica

Estrutura Tratado Hitita	Aliança Mosaica
Preâmbulo	Eu sou o SENHOR, teu Deus (Dt 5, 6)
Prólogo histórico	Que te tirei do Egito, da casa da servidão (Dt 5, 6)
Estipulações	1. Não terás outros deuses diante de mim. (Dt 5, 7) 2. Não farás para ti imagem de escultura [...] (Dt 5, 8) 3. Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus em vão [...] (Dt 5, 11) 4. Guarda o dia de sábado, para o santificar [...] (Dt 5, 12) 5. Honra a teu pai e a tua mãe [...] (Dt 5, 16) 6. Não matarás. (Dt 5, 17) 7. Não adulterarás. (Dt 5, 18) 8. Não furtoarás. (Dt 5, 19) 9. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. (Dt 5, 20) 10. Não cobiçarás a mulher do teu próximo [...] (Dt 5, 21)
Depósito	Estas palavras que, hoje, te ordeno, estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas. (Dt 6, 6-9)

Deuses testemunhas	Estas palavras falou o SENHOR a toda a vossa congregação no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridade, com grande voz, e nada acrescentou. Tendo-as escrito em duas tábuas de pedra, deu-mas a mim. (Dt 5, 22)
Bênçãos e Maldições	Ouve, pois, ó Israel, e atenta em os cumprires, para que bem te suceda, e muito te multipliques na terra que mana leite e mel, como te disse o SENHOR, Deus de teus pais. (Dt 6, 3) Não seguirás outros deuses, nenhum dos deuses dos povos que houver à roda de ti, porque o SENHOR, teu Deus, é Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do SENHOR, teu Deus, se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da terra. (Dt 6, 14-15)

Fonte: De autoria própria

Segundo Bright (2003, p. 191) “paralelos com citados acima são marcantes, e eles pareciam argumentar fortemente tanto a antiguidade da aliança israelita quanto a sua importância central na vida corporativa de Israel”. A história, leis e sistema de culto de Israel estão interligados e formam uma unidade indissolúvel. Isso tem sido verdade desde o início da nação e é marcado pelo pacto de aliança entre Israel e Deus. O contexto da aliança deve ser sempre considerado ao se interpretar a lei de Israel. Os profetas descrevem a história do exílio e restauração de Israel como uma história de relacionamento de aliança entre Israel e Deus e garantem que, no final, Deus será fiel ao Seu pacto com Israel, trazendo a era messiânica de paz e prosperidade, apesar das várias vezes em que Israel quebrou o pacto (LARONDELLE, 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os hebreus ostentassem o título de povo santo escolhido por Deus, não estavam imunes à influência da cultura local. No caso hebreu em particular era inevitável não ser influenciado de algum modo pela cultura do Antigo Oriente Próximo, visto que seu pai fundador era mesopotâmico, foi um povo nômade em grande parte de sua história, passou 400 anos no cativeiro egípcio e depois 70 anos no cativeiro babilônico, a própria Bíblia narra diversos momentos em que o povo estava seguindo a cultura de outra sociedade e as inúmeras vezes que foram repreendidos por tal ato.

Dentre as conclusões que podemos tirar estão a importância dos textos bíblicos na preservação dos nomes de cidades, sociedades e governantes que estiveram ou ainda estão perdidos, a desmistificação de que a Bíblia é um mero livro de fábulas, visto que ela aponta vários fatos que são hoje comprovados pela história, por mais que em seus textos possam contar narrativas que possivelmente não são verdadeiras, as Escrituras possuem valor historiográfico.

A criação, o dilúvio e muitas outras narrativas bíblicas também foram escritas e/ou vivenciadas pelas sociedades vizinhas, não podemos afirmar com exatidão o que verdade e o que é mito, precisamos também levar em conta o contexto da época em que as narrativas foram vivenciadas e escritas e como isso implicava na cosmovisão daqueles povos, podemos encontrar imprecisões históricas e geográficas na Bíblia devida sua escrita tardia, além de esbarrar em problemas de tradução e interpretação do texto, nem tudo é ao pé da letra, há narrativas que precisamos entender o pensamento daquela sociedade para compreendermos o que ela quer dizer.

Sobre a relação entre os tratados hititas e as alianças divinas, nem sempre uma aliança vai encaixar perfeitamente nos moldes do tratado, a versão dos dez mandamentos registrada no Livro do Êxodo não se encaixa perfeitamente como a versão do Livro de Deuteronômio, também não podemos entender as alianças de Deus com seu povo pela ótica de suserano e vassalo, o sentido é muito mais amplo e profundo e tem ligação com um sistema teológico e de crença.

Na Mesopotâmia e em outras sociedades do Antigo Oriente Próximo, existem diversas narrativas que têm semelhanças com os textos bíblicos. Muitas dessas narrativas já foram comparadas, mas há muitas outras que ainda precisam ser estudadas. Apesar de não ter sido possível esgotar o assunto neste artigo, fica claro que houve uma forte interconexão cultural e religiosa entre essas sociedades antigas e o povo hebreu, e que isso teve uma influência significativa na construção da Bíblia.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Deuterônimo. Português. *In: Bíblia de Estudos Andrews: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 233-235.

BÍBLIA. Gênesis. Português. *In: Bíblia de Estudos Andrews: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 20.

BÍBLIA. Lamentações de Jeremias. Português. *In: Bíblia de Estudos Andrews: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 1025-1026.

BÍBLIA. Levítico. Português. *In: Bíblia de Estudos Andrews: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 157.

BRIGHT, John. **História de Israel**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Antiguidade Oriental**: política e religião. São Paulo: Contexto, 1990.

GARELLI, Paul; NIKIPROWETZKY, V.. **O Oriente Próximo Asiático**: impérios mesopotâmicos, Israel. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

KRAMER, Samuel Noah. **Mesopotâmia**: o berço da civilização. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

LARONDELLE, Hans K.. **Nosso Criador Redentor**: introdução à teologia bíblica da aliança. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2016.

LOPES, M. V. (2023). **Comparação entre a estrutura do tratado hitita e a Aliança Mosaica**. Criado por Marlon Victor Lopes.

MARQUES, Joaquim de Jesus. **Literaturas do Próximo Oriente Antigo na Bíblia**: origens, aliança e sabedoria. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História e Cultura das Religiões, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/24157>. Acesso em: 27 dez. 2022.

MELLA, Frederico A. Aborio. **Dos Sumérios a Babel**: a Mesopotâmia: história, civilização, cultura. São Paulo: Hemus, 2001.

REINKE, André Daniel. **Os outros da Bíblia**: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

WALTON, John H.. **O pensamento do antigo Oriente próximo e o Antigo Testamento**: introdução ao mundo conceitual da bíblia hebraica. São Paulo: Vida Nova, 2021. Disponível em: <https://pt.scribd.com/read/512993636/O-pensamento-do-antigo-Oriente-Proximo-e-o-Antigo-Testamento-Introducao-ao-mundo-conceitual-da-Biblia-hebraica#>. Acesso em: 30 dez. 2022.